

MAZE RUNNER

CORRER OU MORRER

JAMES DASHNER



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.club](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



MAZE RUNNER

CORRER OU MORRER



Direção editorial: Lidia María Riba
Direção de arte: Trini Vergara/Paula Fernández
Programação visual: Dora Murano
Ilustração de capa: Marcelo Orsi Blanco
Revisão de texto: Jussara Lopes
Título original em inglês: *The Maze Runner*

Copyright © 2009 James Dashner
© 2010 V&R Editoras
© 2010 Vergara & Riba Editoras Ltda.
www.livropresente.com.br

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento, a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, as fotocópias ou qualquer outra forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua José Felix de Oliveira, 1205

CEP 06708-645 - Granja Viana - Cotia - São Paulo

Tel./Fax: (55 11) 4612 2866

editoras@livropresente.com.br

ISBN: 978-85-7683-247-8

Impresso no Uruguai

Printed in Uruguay

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dashner, James

Maze runner : correr ou morrer / James Dashner ,
tradução Henrique Monteiro.

Cotia, SP: Vergara & Riba Editoras, 2010. (Maze runner)

Título original: The maze runner.

ISBN 978-85-7683-247-8

1. Literatura juvenil I. Título. II. Série.

10-06223

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático: 1. Literatura juvenil 028.5

MAZE RUNNER

CORRER OU MORRER

JAMES DASHNER

TRADUÇÃO: HENRIQUE MONTEIRO



*Para Lynette. Este livro foi uma jornada de três anos,
e você nunca duvidou.*

1

Ele começou sua nova vida pondo-se em pé, envolvido pela escuridão fria e pelo ar poeirento e rançoso.

Um tremor súbito abalou o piso sob os seus pés, metal rangendo contra metal. O movimento inesperado o derrubou, e ele recuou engatinhando, o suor brotando em gotas da testa, apesar do ar frio. Suas costas se chocaram contra uma rígida parede metálica; ele esgueirou-se colado nela até chegar a um canto do compartimento. Mergulhando em direção ao chão, encolheu as pernas bem de encontro ao corpo, esperando que os olhos se acostumassem logo à escuridão.

Com mais um solavanco, o compartimento moveu-se bruscamente para cima, como um velho elevador num poço de mina.

Sons ásperos de correntes e polias, como os ruídos de uma velha usina de aço em funcionamento, ecoaram pelo compartimento, abalando as paredes com um lamento vazio e distante. O elevador sem luz oscilava para frente e para trás na subida, o que azedou seu estômago até lhe causar náuseas; um cheiro semelhante ao de óleo queimado invadia-lhe os sentidos, fazendo-o sentir-se pior. Teve vontade de chorar, mas as lágrimas não vinham; só lhe restava ficar ali sentado, sozinho, esperando.

"O meu nome é Thomas", pensou.

Essa era a única coisa de que conseguia se lembrar sobre a própria vida.

Não entendia como podia ser possível. A mente funcionava sem falhas, tentando entender onde se encontrava e qual era a situação. Informações desencontradas inundaram-lhe os pensamentos, fatos e imagens, lembranças e detalhes do mundo e de como as coisas eram. Imaginou a neve sobre as árvores, descendo por uma estrada coberta de folhas, comendo um hambúrguer, a lua lançando o seu brilho pálido sobre uma planície gramada, nadando em um lago, uma praça movimentada da cidade com centenas de pessoas preocupadas com os próprios problemas.

E ainda assim não sabia de onde vinha, ou como fora parar naquele elevador escuro, ou quem eram os seus pais. Nem sequer se lembrava do próprio sobrenome. Imagens de pessoas vieram de repente ao pensamento, mas não reconheceu ninguém, os rostos substituídos por manchas de tonalidades fantasmagóricas. Não era capaz de se recordar de ninguém que conhecesse nem de uma única conversa.

O compartimento continuava a subir, sacolejando; Thomas já não se importava com o incessante rangido das correntes que o puxavam para cima. Um longo tempo se passou. Os minutos viraram horas, embora fosse impossível saber com certeza o tempo transcorrido, já

que cada segundo parecia uma eternidade. Não! Ele era mais esperto que aquilo. Confiando nos próprios instintos, concluiu que estivera subindo por cerca de meia hora.

Por estranho que parecesse, sentiu que o medo como que fora desaparecendo, tal qual um enxame de mosquitos levado pelo vento, deixando em seu lugar uma intensa curiosidade. Queria saber onde se encontrava e o que estava acontecendo.

Com um rangido seguido de um novo tranco, o compartimento ascendente estancou, a súbita mudança tirou Thomas de sua posição encolhida e o jogou sobre o chão duro. Quando conseguiu se levantar, sentiu que o lugar balançava cada vez menos, até que finalmente parou. Tudo mergulhou no silêncio.

Um minuto se passou. Dois. Ele olhava em todas as direções, mas via apenas a escuridão; apalpou as paredes de novo, procurando um jeito de sair. Porém não havia nada, apenas o metal frio. Gemeu de frustração; o eco de sua voz amplificou-se no vazio, como o lamento fantasmagórico da morte. Os ruídos foram sumindo aos poucos e o silêncio retornou.

Ele gritou, clamou por socorro, esmurrou as paredes.

Nada.

Thomas recuou para o canto outra vez, cruzou os braços e estremeceu. Então o medo voltou. Sentiu um frêmito de preocupação no peito, como se o coração quisesse escapar, fugir do corpo.

- Alguém... me... ajude! - gritou, cada palavra rasgando-lhe a garganta. Um rangido estridente acima da sua cabeça o sobressaltou e, engolindo em seco assustado, olhou para cima. Uma linha reta de luz apareceu no teto do compartimento, e Thomas ficou observando enquanto ela se alargava. Um som pesado e desagradável revelou portas duplas de correr sendo abertas à força. Depois de tanto tempo na escuridão, a luz feria-lhe os olhos; ele desviou o olhar, cobrindo o rosto com as mãos.

Ouvia ruídos acima - vozes -, e o medo comprimiu-lhe o peito.

- Veja só aquele trolho.

- Quantos anos será que ele tem?

- Parece mais um plong de camiseta.

- Plong é você, cara de mértila.

- Meu, que cheiro de chulé lá embaixo!

- Tomara que tenha gostado do passeio só de vinda, Fedelho.

- Não tens passagem de volta, meu chapa.

Thomas foi tomado por uma onda de confusão, dominado pelo pânico. As vozes eram estranhas, como se tivessem eco; algumas palavras eram totalmente desconhecidas - outras pareciam familiares. De olhos semicerrados, fez um esforço para enxergar na direção da luz e

daqueles que falavam. A princípio só conseguiu ver sombras se movendo, mas elas logo ganharam a forma de corpos - pessoas inclinadas sobre a abertura no teto, olhando para baixo na sua direção e apontando.

E então, conto se as lentes de uma câmera tivessem encontrado o foco, as faces tornaram-se nítidas. Eram garotos, todos eles - alguns riais novos, outros riais velhos. Thomas não sabia o que esperar, aias ver aqueles rostos o confundiu. Eram apenas adolescentes. Meninos. Alguns dos seus temores desapareceram, porém não o bastante para acalmar o coração acelerado.

Alguém jogou uma corda lá de cima, a extremidade amarrada em um grande laço. Thomas hesitou, depois enfiou o pé direito no laço e agarrou-se à corda enquanto era içado. Mãos estenderam-se para baixo, uma porção delas, alcançando-o, agarrando-o pelas roupas, puxando-o para cima. O mundo pareceu girar, uma névoa rodopiante de rostos, cores e luz. Uma tempestade de emoções fez seu estômago se contrair, contorcer, revirar; ele queria gritar, chorar, vomitar. Quando o puxaram pela borda áspera da caixa escura o coro de vozes silenciou, mas alguém falou. E Thomas teve certeza que nunca esqueceria aquelas palavras.

- Legal conhecer você, trolho - disse o garoto. - Bem-vindo à Clareira.

2

As mãos que o puxaram só pararam de se agitar ao seu redor quando Thomas se levantou e sacudiu a poeira da camisa e das calças. Ainda atordoado pela claridade, hesitou um pouco. Estava morrendo de curiosidade, mas sentia-se muito enjoado para observar o local mais atentamente. Seus novos companheiros não disseram nada quando girou a cabeça de um lado para o outro, tentando assimilar tudo.

Enquanto dava uma volta em torno de si mesmo, os outros garotos riam-se dele e o encaravam; alguns estenderam a mão e cutucaram-no com o dedo. Deviam ser pelo menos uns cinquenta ao todo, as roupas sujas e amassadas, como se tivessem interrompido algum trabalho pesado, um garoto diferente do outro, de vários tamanhos e raças, o cabelo de comprimentos variados. De repente, Thomas sentiu-se atordoado, os olhos indo e voltando dos garotos para aquele lugar bizarro em que se encontrava.

Estavam em um vasto pátio, várias vezes maior do que um campo de futebol, cercado por quatro muros enormes de pedra cinzenta, cobertos por uma hera espessa que se espalhava em manchas desiguais. As paredes pareciam ter mais de cem metros de altura e formavam um quadrado perfeito ao redor daquele espaço. Cada lado era dividido exatamente ao meio por uma abertura tão alta quanto os próprios muros e que, até onde Thomas conseguia ver, levava a passagens e corredores compridos que se estendiam a perder de vista.

- Olhem só o Novato - zombou uma voz fanhosa, que Thomas não conseguiu distinguir de onde vinha. - Vai quebrar o pescoço de mértila inspecionando seu novo cafofo.

Vários garotos riram.

- Feche essa matraca, Gally - interveio uma voz mais grave.

Thomas procurou identificar alguém em meio às dezenas de estranhos ao seu redor. Sabia que devia parecer muito deslocado - sentia-se como se tivesse sido drogado. Um garoto alto, de cabelo louro e queixo quadrado, franziu o nariz na sua direção, o rosto inexpressivo. Um outro, baixinho e rechonchudo, inquietava-se, oscilando para frente e para trás em pé, fixando Thomas com os olhos arregalados. Um jovem asiático, corpulento e musculoso, cruzou os braços enquanto analisava Thomas, a camisa justa e de mangas arregaçadas exibindo os bíceps. Um rapaz de pele escura franziu as sobrancelhas - o mesmo que lhe dera as boas vindas. Vários outros o observavam.

- Onde estou? - quis saber Thomas, surpreso ao ouvir a própria voz pela primeira vez até onde conseguia se lembrar. Ela soava um pouco estranha... mais aguda do que tinha imaginado.

- Um lugar nada bom. - A resposta partiu do rapaz de pele escura. - Agora procure relaxar

e acalmar-se.

- Que tipo de Encarregado ele vai dar? - gritou alguém de trás do grupo.

- Já disse, cara de mértila - uma voz estridente respondeu. - Ele é um plong, logo será um Aguadeiro... Não tenho a menor dúvida quanto a isso. - O garoto riu como se tivesse contado a piada mais engraçada do mundo.

Uma vez mais, Thomas sentiu uma pressão de ansiedade no peito - eram tantas palavras e expressões que não faziam sentido. Trolho. Mértila. Encarregado. Aguadeiro. Elas saíam tão naturalmente da boca dos garotos que parecia estranho ele não entender. Como se a sua perda de memória tivesse roubado um pedaço da sua compreensão - não entendia nada.

Diferentes emoções se chocavam em sua cabeça, atordoando a mente e sufocando o coração. Confusão. Curiosidade. Pânico. Medo. Mas todas essas emoções eram permeadas por uma sombria sensação de desamparo absoluto, como se o mundo tivesse acabado para ele, como se tivesse sido arrancado de sua memória e substituído por algo sinistro. A sua vontade era sair correndo e se esconder daquela gente.

O garoto de voz fanhosa voltara a falar:

- ...ou nem mesmo isso; aposto o meu fígado. - Thomas ainda não conseguia ver o rosto dele.

- Eu disse, calem a matraca! - gritou o rapaz de pele escura. - Continuem tagarelando e vão ficar sem recreio!

Aquele devia ser o líder, concluiu Thomas. Detestando a maneira como caçoavam dele, procurou se concentrar em avaliar o lugar que o rapaz chamara de Clareira.

Adiante havia um pátio cujo chão era composto de enormes blocos de pedra, muitos deles rachados e entranhados de grama e ervas daninhas crescidas. Perto de um dos cantos do quadrado, uma estranha construção de madeira, meio decadente, contrastava completamente com as pedras acinzentadas. Era cercada por algumas árvores, as suas raízes parecidas com mãos encarquilhadas embrenhando-se no chão rochoso em busca de alimento. Em outro canto do conjunto via-se uma espécie de plantação - de onde se encontrava, Thomas reconheceu uns pés de milho, alguns tomateiros, árvores frutíferas.

Do outro lado do pátio, alinhavam-se currais de madeira, em que eram guardados ovelhas, porcos e vacas. Um bosque amplo ocupava todo o último canto; as árvores mais próximas parecendo um tanto enrugadas e à beira da morte. O céu acima deles não tinha nuvens, era muito azul, mas Thomas não viu nem sinal do sol, apesar da claridade do dia. As sombras difusas dos muros não revelavam a hora nem a direção dos raios solares - podia ser de manhã cedo ou final de tarde. Ele respirou fundo, nunca tentativa de acalmar os nervos, e uma mistura de cheiros o invadiu. Lixo recente, estrume, perfume de pinheiros, um aroma podre e

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

